

O LUGAR DO EPISTOLÁRIO NA LOBATIANA: EXERCÍCIO CONTINUADO DE TEORIZAÇÃO E CONCEPÇÃO DE PROJETOS SOBRE TRADUÇÃO E LITERATURA

Elizamari R. Becker

Ainda acabo fazendo livros em que nossas crianças possam morar. Não ler e jogar fora; sim morar, como morei no *Robinson* e n'Os Filhos do Capitão Grant. (Monteiro Lobato, *A barca de Gleyre*)

Na relação dialógica e polissêmica do trânsito epistolar entre Monteiro Lobato e o amigo mineiro Godofredo Rangel, mantido por mais de quarenta anos (de 1903 a 1948) e reunido pela Editora Brasiliense em dois tomos sob o título *A barca de Gleyre*¹, uma teoria de tradução muito pessoal do escritor é construída, através de relatos de leituras, de produção de textos e de traduções. Através da leitura dessas cartas, pode-se acompanhar a longa trajetória de uma profícua experiência tradutória vivida por um Lobato que se desdobrou em diversos atores: o leitor (e crítico) de literatura traduzida, o editor de literatura traduzida, o tradutor e adaptador de literatura estrangeira e o escritor que teve sua obra traduzida para diversas línguas. O tom confessional de tais escritos revela, mais do que os projetos literários e tradutórios de Lobato, o próprio amadurecimento de sua reflexão sobre o assunto.

A casuística aqui desenvolvida a partir das cartas de Lobato, reunidas em *A barca de Gleyre*, pretende mostrar como tais epístolas assumem, por vezes, tom claramente metaliterário, ocasiões em que o escritor manifesta sua opinião sobre o caráter e o valor do gênero epistolar, considerando “maravilhoso o *prime saut* das cartas” (BG 2: 54). Segundo ele, as cartas são instrumentos literários libertadores, que permitem que seus remetentes mostrem o que realmente são e pensam. Isso por que “a caraça do público, a feição do jornal, os moldes do editor, sempre antepostos aos nossos olhos quando escrevemos para imprimir, acanham-nos a expressão, destroem-nos a alerteza do élan” (BG 2: 54). Indica as memórias de Casanova, reunidas em *História da minha vida*, como dotadas de genialidade (BG 2: 87) e as cartas de Vieira como capazes de lhe infundir o

¹ Doravante BG. Nas passagens citadas abaixo, números subsequentes indicarão, nesta ordem, tomo (1 ou 2) e página.

mais profundo sono (BG 2: 64). Da correspondência de Taine com E. de Suckau diz lembrar a sua com Rangel, no tocante a recordar um grupo de amigos comuns da juventude (BG 2: 164).

Quem teve a formidável ideia de reunir e publicar as cartas de Monteiro Lobato foi seu amigo Rangel, que as conservou caprichosamente durante décadas e estimulou o parceiro de correspondências a organizá-las e datilografá-las, embora, ainda que inicialmente, a proposta de publicá-las tenha causado a Lobato um certo desconforto:

Falas tanto nas minhas cartas que estou na suspeita de que se enchem de coisas boas pelo caminho. Chegas a insistir na absurda idéia da publicação! (BG 2: 114)

Que idéia sinistra a tua, de publicarmos as minhas cartas! Seria dum grotesco supremo, porque cartas só interessam ao público quando são históricas ou quando oriundas de, ou relativas a, grandes personalidades. No nosso caso não há nada disso: não são históricas e nós não passamos de dois pulgões de roseira [...] (BG 2: 198)

Monteiro Lobato reconhecia, entretanto, que o hábito de troca de cartas havia desempenhado uma “grande missão no processo de sedimentação dos tolos sonhinhos literários” de ambos (BG 2: 115). Apesar de reconhecer sua importância, nelas pensava como memórias íntimas, afirmando que nem mesmo seus filhos seriam capazes de entender, por meio da leitura das cartas, o que foram um para o outro (BG 2: 118).

Ao prefaciар o primeiro tomo de *A barca de Gleyre*, Edgard Cavalheiro salienta a natureza peculiar desses escritos, dizendo que “uma coisa é preparar laudas de papel para encher com recomendações do passado, mesmo com a mais pura das intenções [...] Outra, muito outra, é chegar ao fim de uma acidentada existência e receber de um amigo [...] centenas e centenas de páginas” (BG 1: 4). A leitura dessas cartas é uma elucidativa e prazerosa aventura sobre o longo processo de aprendizagem de Lobato e sobre sua inestimável contribuição às letras nacionais, sobre a forma como influenciou muitas mudanças de paradigmas sobre a maneira como o público leitor recebia os livros e sobre o lugar ocupado pela literatura traduzida à sua época, contribuindo para a difusão de literatura de língua inglesa, melhorando o status e a aceitação de obras traduzidas, popularizando o livro e criando novos públicos leitores para gêneros também novos, como o conto, a crônica e a literatura de aventura (infanto-juvenil).

O estudo empreendido por Sueli Tomazini Barros Cassal, intitulado *Amigos escritos: correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*, afirma que todas as grandes causas a que o autor se consagrou — como o livro, o voto secreto, o

ferro e o petróleo — foram movidas a cartas, circulares e manifestos, que Cassal chama de verdadeiras “cruzadas epistolares” e que nem sempre lhe renderam bons frutos, como o cancelamento de um pedido do governo para sua editora que o levou à falência e até mesmo à prisão (Cassal, 2002: 18-19).

Monteiro Lobato, que acreditava que “um país se faz com homens e livros”, era um nacionalista convicto e lamentava que a população do país não tivesse acesso ao melhor do pensamento mundial. Por isso, a partir de 1930, esse voraz leitor de literaturas de línguas francesa e inglesa esforçou-se pessoalmente para preencher esta lacuna, traduzindo e publicando mais de cem obras de grandes nomes da literatura, como Rudyard Kipling, Herman Melville, Antoine de Saint-Exupéry, Ernest Hemingway e H.G. Wells. Muitas dessas traduções estavam ligadas ao romance de aventura e foram feitas a quatro mãos, contando com trabalhos encomendados a Godofredo Rangel, como se vê pelas cartas dirigidas a esse último e pela referência a um suposto plano de traduções mantido por Rangel para atendimento de demandas da editora de Lobato (BG 2: 260). Quando morava nos Estados Unidos, em 1928, comentando a inexplicavelmente breve visita do sócio Otales Marcondes Ferreira aos Estados Unidos, Lobato faz referência ao grande envolvimento da editora que ambos dirigiam com obras traduzidas e do importante papel desempenhado por Rangel, a quem se refere humoristicamente por meio de metáfora:

De modo que o Otales esteve aqui só cinco dias, incluindo o da chegada e o da volta. Breve o Rippley do *Believe it or Not* está com desenho nos jornais: “O homem que fez a mais curta visita aos Estados Unidos — e lá aparecerá o Otales em mangas de camisa, ordenhando uma vaca tradutora mineira...” (BG 2: 311)

E em 1943, comentava sobre o levantamento da produção tradutória do amigo:

Sessenta livros já traduziu você? Tremendo. Eu não sei quantos tenho, nem quero saber. (BG 2: 336)

O profícuo trabalho de Monteiro Lobato como tradutor e editor certamente mudou o rumo da prática da tradução no Brasil, desempenhando ele um papel inovador de mediador para a dessacralização de textos originais, adaptando as traduções que fazia à época, à tipologia textual pretendida e ao público leitor, abertamente empregando, dessa forma, estratégias de “reescritura” dos originais. André Lefevere explica que as traduções operam dentro de um contexto literário e cultural mais amplo e que diferentes públicos

leitores precisam de traduções por razões diferentes. Segundo ele, ao tomar decisões, os tradutores precisam ter em mente que sua principal tarefa é tornar o texto original acessível ao público leitor pretendido. O ideal seria recriar o conteúdo semântico do texto original e sua força enunciativa, embora, na prática, os tradutores quase sempre consigam traduzir o primeiro, mas não a segunda. Outra recomendação de Lefevere é que, em nome de uma mediação eficaz, a preocupação esteja voltada para o atendimento das expectativas do público-alvo (Lefevere, 1992: 19). Também Monteiro Lobato anunciava um projeto de mediação entre os textos traduzidos e seu público infanto-juvenil:

Ando com várias idéias. Uma: vestir a nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. Veio-me diante da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha lhes conta. Guardam-nas de memória e vão recontá-las aos amigos — sem, entretanto, prestarem nenhuma atenção à moralidade, como é natural. [...] as fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato — espinhentas e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler? (BG 2: p. 104)

Segundo Lobato, a “tradução tem que ser um transplante. O tradutor necessita compreender a fundo a obra e o autor, e reescrevê-la em português como quem ouve uma história e depois a conta com palavras suas” (BG 10: 127). Para tanto, Monteiro Lobato acreditava que o bom tradutor teria de ser também bom escritor, uma combinação que, ainda, segundo ele, não era fácil de se achar, pois os bons escritores de sua época viviam um impasse:

Ora, isto exige que o tradutor seja também escritor — e escritor decente. Mas os escritores decentes, que realmente são escritores, isto é, que possuem o senso inato das proporções, esses preferem e têm mais vantagens em escrever obras originais de que transplantar para o português obras alheias. Os editores pagam menos e o público não lhes reconhece o mérito. (BG 10: 127)

Além de projeto literário e editorial, a tradução desempenhou um papel aparentemente menos nobre (mas mais prático) na carreira de letras do escritor. Por um longo período em que seus recursos financeiros eram escassos e os direitos autorais não davam conta do sustento da família, a experiência lhe rendia um bom dinheiro e sua competência lingüística era mais e mais aprimorada a cada trabalho:

(...) ando assoberbado de maçadas, que aliás rendem alguma coisa, sobretudo as traduções do inglês. Dito-as da rede e Purezinha escreve, e assim vai rápido. Este mês deram-me 80\$000. (BG 1: 226)

Pretendendo ampliar seus horizontes e os de seus leitores, mergulhados na falta de perspectivas dos lugarejos interioranos, Lobato exercitava a tradução nos periódicos, que contavam com bom alcance entre o restrito público leitor da época. Que veículo melhor do que o próprio jornal para isso? Coloca, assim, através da tradução, seu leitor — que não tem acesso aos livros, ou por falta de gosto ou por falta de dinheiro — em contato com o mundo britânico e o que lá lateja. Primeiramente torna-se leitor ávido:

(...) tomei uma assinatura do *Weekly Times*, de Londres, edição semanal em que vêm os melhores artigos do *The Times* diário, o grande, o velho, o tremendo *Times* de Londres — e com os pés na grade da sacada injeto-me de inglês, de pensamento inglês, de política inglesa, enquanto pela rua passam os bípedes que vão mexer a panelinha da política local na farmácia do Quindó, meu vizinho. E tenho lido exclusivamente em inglês. O francês anda a me engulhar todas as tripas. Como cansa aquela eterna historinha dum homem que pegou a mulher do outro — como se a vida fosse só, só, só isso! A literatura inglesa é muito mais arejada, variada, mais cheia de horizontes, árvores, bichos. Não há tigres nem elefantes na literatura francesa, e a inglesa é toda uma arca de Noé. Só em Kipling há material para um tremendo jardim zoológico: Kaa, Baghera, Shere Khan, a macacada... (BG 1: 225)

E, como próximo passo, passa a publicar em periódicos do Brasil traduções desses artigos do *Weekly Times*:

Tenho mandado uns artigos para a Tribuna de Santos e publicado n’*O Estado* de S. Paulo umas traduções do *Weekly Times* — esse meu meio de neutralizar Areias. (...) Quando encontro coisas muito interessantes, traduzo-as e mando-as para o Estado e eles me pagam 10\$000. (BG 1: 250)

E serviu-lhe também de distração durante períodos em que não conseguia escrever ou que as frustrações e os fracassos lhe impunham afastamento de seus projetos:

Continuo traduzindo. A tradução é minha pinga. Traduzo como o bêbado bebe: para esquecer, para atordoar. Enquanto traduzo, não penso na sabotagem do petróleo. (BG 2: 333)

Mas seu objetivo principal, evidentemente, não era tão somente ganhar dinheiro ou passar o tempo. Sua gana de tirar o povo brasileiro da mesmice dos pequenos vilarejos fazia com que Monteiro Lobato visse na tradução um veículo de grandes possibilidades:

Ando com idéia de traduzir *O príncipe* de Maquiavel. Nossos tempos são corruptos, sem estilo e sem filosofia. Com o Maquiavel bem difundido, teríamos um tratado de xadrez para uso destes reles amadores. (BG 1: 55)

Cada vez mais sua produção como tradutor cresce. Em 1906 traduz, a partir da edição francesa de Henri Aubert, *O crepúsculo dos ídolos* e o *Anticristo*, de Friedrich Nietzsche. O manuscrito de Lobato permanece inédito. Congratula-se, por essa época, com o amigo Rangel da familiaridade que passa a ter com o inglês, fruto de leituras e de traduções:

Faço progressos no inglês. Li todo um livrão — 600 páginas: Robertson, *Discovery and Conquest of America*. Hernan Cortez é um soberbo tipo de bandido! (BG 1: 199)

Seu longo processo de aprendizagem de inglês foi se consolidando nas muitas leituras, na experiência de morar nos Estados Unidos no período de 1927 a 1930, por meio de instrução formal ao grupo da *Revista* (BG 2: 191) e, segundo o próprio Lobato, graças ao estímulo de uma misteriosa senhora que é referida em uma carta de 1926:

Eu tenho lido muito no meu gabinete de leitura ambulante, o bonde. Até Pascal, esse Nogueira francês em sua eterna bebedeira de Deus. Até Anatole e coisas inglesas. Quem me estimula no inglês é a criatura mais bela e inteligente do Brasil: Rosalina. Rangel, Rangel: quem passou pela vida e não conheceu Rosalina, falhou — perdeu o bonde. (BG 2: 292)

Não se sabe exatamente que papel desempenhou essa Rosalina na construção da proficiência lingüística de inglês de Lobato, pois ele é sempre bastante reticente sobre as figuras femininas que refere em suas cartas².

Quanto à experiência de morar em Nova Iorque, foi-lhe um incremento contundente em termos de proficiência lingüística, complementada pelas oportunidades diárias de comunicação oral genuínas e pelas leituras locais:

² A dedicatória de *A barca de Gleyre*, intitulada “Três nomes...”, depois do nome da esposa de Lobato, Purezinha, invoca o nome de Marjori, “[u]ma criaturinha que simboliza todas as que se lembram de mim e me escrevem”, que era o apelido de Maria Jose Sette Ribas, secretária e revisora de Lobato. Temos também Murila, que é referida como talentosa e cujo nome aparece muitas vezes abreviado como M. Há uma carta enigmática de Lobato, de 1921, que compara duas escritoras com quem se corresponde apenas pelas iniciais de seus nomes: D. L. e M. (BG 2: 235). Outro nome feminino ocultado da literatura de Lobato é o de sua tradutora de contos para a coleção Little Blue Book Series, que Isaac Goldberg apenas refere, em seu prefácio, como uma “senhora amiga de Lobato”. No tanto que as inferências resultantes da leitura de *A barca de Gleyre* nos permitem, talvez possamos crer que aquela *Mrs. Pidgeon*, referida em carta de 1934 (BG 2: 326) – “professora amiga de Lobato, que já havia estado em Minas Gerais, sabia português e foi contata por Lobato para traduzir o livro *Vida ociosa* de Godofredo Rangel” – tem boas chances de ser a tradutora anônima do livrinho *Brazilian short stories*, que continha três contos, a saber: “Modern torture”, “The penitent wag”, “The plantation buyer”. Tão boas chances quanto aquela Rosalina que tanto o estimulava com o inglês (BG 2: 292).

O americano troca o “t” pelo “r”, de modo que até um inglês de Londres se atrapalha em New York. Há dias pedi “water” num restaurante. O “waiter” — isso aí que vocês chamam “garçon” — olhou-me com cara d’asno. “A glass of water, please!” Ele ainda ficou no ar uns instantes. Depois seu rosto iluminou-se (era um garçon inteligentíssimo) e disse: “Warer?” e trouxe-me a água pedida. “Tomato” é “tomeiro” — e eu sou “Mr. Lobeiro.” Filha é “Dórar” e “What of it?” é “Oróvet”. Fui comprar uma fita de máquina. “Standard ou Pôrabal?” perguntou o homem. Espertissimamente adivinhei que “pôrabal” queria dizer “portable” — máquina portátil. (BG 2: 305)

[...]

Nunca mais, senão ocasionalmente, li português. Meus jornais matutinos são o *Time* e o *Sun*. Minha *Revista do Brasil* é o *American Mercury*, com o tremendíssimo Henry Mencken lá dentro. Meus autores: esse Mencken, O’Neil e tantos outros cujos nomes nada te dizem. Meus homens do rádio são o Amos and Andy, o Floyd Gibbons e não sei quem mais. Meu enlevo é a risada *by air* de Julia Sandersen. (BG 2: 320)

Mais maduro, Lobato reconhece que a língua inglesa assumiu proporções maiores em sua literatura do que a língua francesa da mocidade:

Não me recordo da história do Stancchina. Não me recordo de mais nada, Rangel. Estou ficando gagá e em ponto de *radotage*. Lembra-se de como enxertávamos francês na nossa correspondência? Mudamos até de língua, parece incrível! Hoje andamos a “morar” na literatura inglesa, que naquele tempo bem pouco sabíamos. (BG 2: 350)

Lobato acredita que a predileção pela língua francesa e pelas obras e traduções francesas foi responsável por um empobrecimento de nossa literatura brasileira. Diz que nosso equívoco em ver no francês a única língua a nos pôr em contato com a universalidade provocou uma fúria de absorver francês nas classes altas. Numa reação claustrofóbica, alega que “não há ar nessa literatura francesa”, e adota leituras do “*Wide World Magazine*” e do “*Strand*”, publicações sobre viagens, que muito agradam a seu gosto e, aparentemente, alimentam seu sonho de evadir-se da enfadonha cidade de Areias. Lobato parece obsessivo com a idéia de viajar, conhecer o mundo, como se sem fazê-lo jamais pudesse ser escritor de valor. Essa idéia fixa não lhe açode apenas por ocasião de sua longa estada no interior, mas também no período em que vive em São Paulo. Toda sua literatura epistolar está repleta de queixumes a Godofredo Rangel sobre esta sua insatisfação:

Nós dois somos o inverso. Somos cracas eternamente grudadas ao pago natal. Somos cogumelos, chapéus-de-sapo, temos o aparelho da locomoção destituído de rodinhas amarelas – libras ou dólares. Somos apteros. Pingüins! Nossas capacidades embotam-se na mesquinhez da introspecção e na sordidez tacanha de meiosinhos roceiros pífios, onde não há os caracteres fortes e sintéticos que o romance requer para não degenerar em teatrinho de João Minhoca; onde não há dramas — (como imaginar os Átridas em

Areias?); onde não há que não seja choco. Desta Areias onde apodreço a três meses nem o gancho dum Shakespeare tirava sequer um título de drama. (BG 1: 175)

Confessa despidoradamente sua inveja do escritor estrangeiro. Talvez possa ser esse um dos paradoxos em Lobato, que, ao mesmo tempo que clama pela construção de uma literatura genuinamente nacional, brasileira, sem o ranço lusitano, afirmando que "estilo é nariz" e que cada escritor tem o seu, contorce-se de terror pelo marasmo do meio em que se acha inserido, não crendo que possa suscitar-lhe criação o mais remotamente interessante:

Estamos como içás que derrubam as asas e afundam no buraquinho. O destino me deu este buraquinho de Areias e a você deu o de Machado. E invejamos Loti, o homem dos mares e do Japão. E Kipling, o homem todo índias, todo jungles, todo Himalaias, todo feras. A única fera daqui é um pobre facadista barato. [...] E a tua fera na vida, Rangel, o teu Mugger do Mugger Ghaut, é o chapadíssimo Fernandes... Somos uns pelicanos, Rangel. Vivemos a arrancar penas, carne e coisas de nós mesmos para que não morram os nossos pobres filhinhos literários. Os artistas subjetivos, que só tiram de si em vez de tirar do mundo que os rodeia, ficam introspectivos em excesso e acabam satisfazendo a um público muito restrito: a si mesmos. Mas os artistas objetivos, os Kiplings, sugestionam e fazem estremecer de emoção grandes platéias - e o aplauso da platéia é o feijão com arroz de todos os artistas. (BG 1: 220)

Segundo ele, o leitor brasileiro é gente que

escapou de um mal: muramento em vida dentro de uma língua *paupérrima em literatura* e para a qual, de tudo quanto a humanidade produziu, desde Lucrécio até Henry Mencken, só foram vertidos uns trabucos lacrimogêneos de Escrich e aquela galopada sem fim, para ganhar dinheiro, de Dumas. Escapou de um muramento para cair noutra: murou-se no francês. (BG 10: 323)

Lobato parece aqui desmerecer a *literatura* francesa, mas não se trata disso. O que critica, na realidade, é a falta de opções do leitor brasileiro e o despotismo das editoras. No mesmo ensaio, Lobato explica o plano editorial da Editora Nacional:

A Editora Nacional rompeu com o mito. Começou a dar livros de autores outros que não os franceses, e nessa literatura o povo, com certo espanto, começou a ver que o mundo não é apenas bordel ou alcova, com uma eterna historinha de "lui, elle et Tautre". Que há descampados e florestas imensas, montanhas, planuras de neve, tigres e panteras e elefantes. Que há perspectivas, em suma, e ar livre. (BG 10: 324)

Está ele a falar da obra de Rudyard Kipling, cujo fascínio é indisfarçável para Lobato. Ele urge tanto pelo contato do público brasileiro com a obra de Kipling que investe ele próprio, como tradutor, em duas delas, *The Jungle Book* e *Kim*, esta última

traduzida durante seu período de reclusão penitenciária e publicada em 1941 pela Companhia Editora Nacional. Na selva e nas feras de Kipling, Monteiro Lobato vê representadas as diversas facetas do ser humano, nas suas misérias e ambições, na sua engenhosidade e na sua interação com o meio em que se acha inserido:

O cenário de Kipling é [quase] sempre a Índia, como o de Jack London, outra alma pânica, é quase sempre a fria terra do Alaska. Seus personagens nunca são os personagens franceses — um macho que caça uma fêmea pertencente a um terceiro e num hotel exercita uma função fisiológica que o deixa desapontado e de crista caída. É o tigre cruelíssimo e covarde — Shere Khan; é a pantera negra de movimentos elásticos — Bagheera; é a tribo dos Bandar-logs, que nas ruínas de uma cidade morta, engolida pela jangal, brinca de cidade, como nós aqui, bandarloguissimamente, brincamos de país; é a serpente das rochas, Kaa, magnífica de velhice e arte; é Jacala o Mugger do Mugger-Ghaut, velho crocodilo comedor de coolies; é Purun Bhagat, o Primeiro Ministro de um principado indiano que se fez santo e gastou meia vida num píncaro do Himalaia, meditando sobre o grande milagre da vida; é Quiquern, o cachorrinho do esquimau Kotuko; é Dick Helder, gênio artístico vitimado pela inferioridade egoística de uma tal Maisie - a Mulher; é Kim, o menino que cavalgava canhões... (Mundo da lua e miscelânea: 325)

Segundo Lobato, Kipling é a vida, a natureza, o Ar Livre, a Fera, a Índia inteira, e cada um de seus contos é uma obra prima. Quem percorre os dois tomos de *A Barca de Gleyre* não terá dificuldades em comprovar esse ato de recepção em Lobato. Também seus contos o denunciam. O primeiro conto em *Urupês*, "Os Faroleiros", é uma releitura assumida do conto de Kipling "The Disturber of Traffic", publicado em *Many Inventions*. Ao que tudo indica, vários contos desse livro tiveram grande impacto em Lobato, que não se cansa de mencionar a serpente marinha de "A Matter of Fact" ou a questão da angústia do escritor durante o processo de criação literária em "The Finest Story in the World". Isso para não mencionarmos *The Jungle Book*, que influenciou a escritura de Lobato de forma inegável, na linguagem "raspada de literatura" e pouco adjetivada, na unidade temática da organização de seus livros de contos, na valorização do tema e do tipo local.

Outra face do projeto tradutório de Monteiro Lobato consistia em dar ao mundo literatura traduzida brasileira, não apenas traduções de suas próprias obras, mas também da de outros escritores brasileiros. Em julho de 1919, escreve a Rangel sobre as potencialidades do mercado de língua hispânica:

Entre as coisas futuras projetadas está uma seção argentina, para lançar coisas nossas, traduzidas, no mercado de língua espanhola, que é grande. Estamos estudando a nossa associação com a Cooperativa Editorial Argentina e uma agência de publicidade. Iniciaremos a série com Alencar e outros artigos já em domínio público, dando simultaneamente uma edição em português e outra em espanhol. Os bons livros

brasileiros encontram grande saída em espanhol. Afirmam-me que *O Mulato*, de Aluisio, deu na Argentina dez edições (para apenas três aqui). O meu *Urupês* vai ser lançado pela Cooperativa; estamos trocando cartas a respeito. Ora, tudo isto para te dizer que podemos lançar também lá a tua *Vida Ociosa*. (BG 2: 202, 203)

E cerca de um ano e meio depois daquela carta, em maio de 1921, e com seu projeto tradutório-editorial já um pouco mais amadurecido, dá notícias sobre as providências iniciais tomadas com vistas ao cumprimento da promessa:

Aproveitei a folga de carnaval e reli ontem a *Vida Ociosa*. Que pena seres o autor! Não poderás nunca saber que delícia aquilo é. Eu, cujo paladar só suporta Maupassant, Kipling e Anatole, já li teu livro três vezes depois de saído. No catálogo novo que está no prelo classifiquei-o de “genial”. O único defeito é não ser romance de enredo intenso, dos que o público adora e determinam grande venda. O capítulo do “Sentenciado Lourenço” já está traduzido e de viagem para *La Nación*. (BG 2: 228)

E em novembro de 1921, envia a Rangel, dentre outros exemplares, o do Jornal *La Nación* que publicou o referido capítulo do romance de Godofredo Rangel:

Mande-te uma batelada de coisas: *Narizinho Arrebitado*, *La Nación*, *Plus Ultra* e *Nosotros*. O Garay traduziu o “Sentenciado Lourenço” para *La Nación*. Está entusiasmado contigo. (BG 2: 238)

Mas o processo de divulgação da obra do amigo, compromisso pessoal assumido por Monteiro Lobato, continua a se desenrolar, como está registrado em correspondência de janeiro de 1923:

La Nación dará uma nota a teu respeito, acompanhando a tradução do *Lourenço*. Vês como o teu mérito, apesar do teu retraimento e falta de reclame, está se impondo? (BG 2: 251)

Cerca de quatro anos depois de seu regresso dos Estados Unidos, Lobato dirige carta a Rangel convidando-o para traduzir conjuntamente o *Story of Philosophy*, de Will Durant, para a editora que Lobato precisou vender ao sócio Octalles, dizendo que sua ideia era de fazer trabalho perfeito, que não havia pressa, que Durante merecia todo o carinho e que tal tradução exigia responsabilidades (BG 2: p. 326). Na mesma carta, anuncia que estava relendo o livro *Vida ociosa*, de Rangel, que o comparava ao melhor de Machado de Assis, e anuncia mais uma investida na divulgação em língua estrangeira da obra do amigo:

Mandei um exemplar para a América, endereçado a uma professora minha amiga lá, Miss Pidgeon, que já esteve em Minas e sabe português. Se ela o traduzir e publicar, ficas universal. (BG 2: 326)

Assim, difundir literatura sua e do colega em língua estrangeira era um projeto para elevar o status da produção de ambos também em âmbito local. Quanto à tradução de seus próprios escritos, Lobato empreendeu esforços pessoais em cada projeto, como já anunciava, em 1921, a Godofredo Rangel, depois de haver recebido o *Urupês* em espanhol lançado na Argentina em bela edição de Garay. E complementa: “Nos Estados Unidos quer traduzi-lo Isaac Goldberg. E em França, um Julien Fauvel. Livro de sorte (BG 2: 228)”. Mas também Lobato experimentou os dissabores de ver seus textos desnaturados em outra língua, conforme se queixa em carta de 1924:

Isso de traduções é uma eterna lástima. Alguns de meus contos aparecidos em revistas de Buenos Aires são até de irritar. E pelo que fazem nos meus contos, imagino a borracheira em que os lusitanos terão transformado as centenas de obras internacionais que traduziram. (BG 2: 266)

Em carta de 1926, afirma que tem sorte, pois já havia sido traduzido na Síria, por E. Kouri, na Alemanha, por Fred Sommer, na França, por Duriau, e que há muito tempo já andava “com a Espanha e a Argentina no papo” (BG 2: 292), concluindo que já havia aparecido em seis países (esqueceu-se de incluir os Estados Unidos em sua lista).

O epistolário traz registros de que, depois de ganhar alguma experiência como editor, Monteiro Lobato passa a elaborar um projeto de tradução e edição dos clássicos da literatura universal, mesmo de livros que já tenham sido dados em edições portuguesas, cuja qualidade desmerece:

Tenho diante de mim a tradução do *The Vicar of Wakefield*, que é uma obra prima da literatura inglesa; pois o raio do labrego transformou-a em “bota” — com “s”. Gosto tanto desse livro, que me vem vontade de eu mesmo pô-lo em língua nossa. [...] Só editaremos gente de primeira e boas coisas da literatura universal. Mas insisto em obter traduções como as entendo. Essas traduções infamérrimas que vejo por aí, não as quero de maneira nenhuma. (BG 2: 266)

Que textos são esses inventariados dentre o que “realmente é bom e que pertence a todas as pátrias e todos os séculos” (BG 2: 267)? *Dom Quixote*, *Viagens de Gulliver*, *Mil e uma noites* e *Peter Pan*. São alguns dos títulos mencionados, sendo que *Dom Quixote* já havia sido encomendado por Lobato a Rangel há algum tempo, sem que esse

último conseguisse dar conta da tarefa, o que, mais adiante, levou o próprio Lobato a tratar dele, adaptando-o para o público infantil, sob o título *D. Quixote das crianças*:

Rangel:

Recebi *Tempestade*. Vai traduzindo os outros contos shakespearianos, em linguagem bem simples, sempre na ordem direta e com toda a liberdade. Não te amarres ao original em matéria de forma — só em matéria de fundo. Quanto ao *D. Quixote*, vou ver se acho a edição de Jansen. Venha logo! (BG 2: 232)

Os convites e as encomendas a Rangel estavam todos nas cartas e, juntamente com os mesmos, figuravam as ideias de Lobato sobre literatura e tradução e adaptação:

Quem sabe pode e quer você empreitar um serviço de que precisamos? Pretendemos lançar uma série de livros para crianças, como *Gulliver*, *Robinson* etc., os clássicos, e vamos nos guiar por umas edições do velho Laemmert, organizadas por Jansen Müller. Quero a mesma coisa, porém com mais leveza e graça de língua. Creio até que se pode agarrar o Jansen como “burro” e reescrever aquilo em língua deslitteraturizada — porque a desgraça da maior parte dos livros é sempre o excesso de “literatura”. Comecei a fazer isso, mas não tenho tempo; fiquei no primeiro capítulo, que te mando como amostra. Quer pegar a empreitada? A verba para cada um não passa de 300\$, mas os livros são curtinhos e o teu tempo aí absolutamente não é “Money”. Coisa que se faz ao correr da pena. É só ir eliminando todas as complicações estilísticas do “burro”. Se não tens por aí essas edições do Laemmert, mandarei. (BG 2: 233)

A ideia de simplificar os textos e adaptá-los ao público-alvo era uma orientação das mais recorrentes dentre as encaminhadas, através das cartas, ao amigo tradutor:

R.

Breve te mandarei provas da *Tempestade*, com as emendas que fiz tendentes a puerilizá-lo um pouco mais. Os leitores vão ser crianças. Teu estilo estava muito “gente grande”. (BG 2: 267)

Em carta de 1925, quando instruía Rangel a traduzir alguns cantos extraídos de peças de Shakespeare em linguagem “bem singela”, afirmou que o segredo para escrever para o público infanto-juvenil estava em fazê-lo como se o fizesse para seu próprio filho:

[...] pretendo fazer de cada canto um livrinho para meninos. Traduzirás uns três, à escolha, e mos mandarás com o original; quero aproveitar as gravuras. Estilo água do pote, hein? E ficas com liberdade de melhorar o original onde entenderes. O *D. Quixote* é para ver se vale a pena traduzir. [...] E também farás para a coleção infantil coisa tua, original. Lembra-te que os leitores vão ser todos os Nelos deste país e escreve como se estivesse escrevendo para o teu. Estou a examinar os contos de Grimm dados pelo Garnier. Pobres crianças brasileiras! Que traduções galegas! Temos de refazer tudo isso — abrigar a linguagem. (BG 2: 275)

Esse estilo “água do pote” é a metáfora empregada por Lobato para indicar que a tradução devia facilitar a leitura, pender para o leitor e não para o texto original, comparando-a com a comodidade de quem não precisa carregar água da fonte, mas a recolhe direto do pote que outra pessoa já carregou.

A editora de Lobato criou um programa de edições sem direitos autorais, “coisas já em domínio público, desde Dumas a Alencar (BG 2: 268)” e convidou Rangel a contribuir com as traduções de textos estrangeiros. Pretendia também refazer algumas obras em língua portuguesa que, segundo o pai da Emília, já estavam muito ultrapassadas em linguagem mais palatável para o leitor do século XX. Dizia ele, em carta datada de setembro de 1924:

Sabe até o que quero? Verter a *Menina e moça*, ou *Saudades* do velho Bernardim Ribeiro, em língua [quase] atual. Fiz uma parte, que já dei a imprimir. Depois te mostrarei. Aquilo está já muito recuado, muito antiquado; mas se o pusermos mais perto, em língua, não digo de hoje, mas de pouco antes de Herculano, fica uma delícia. O rouxinol que cantou, cantou e morreu — que lindo! É o melhor rouxinol que conheço. Os outros cantam e fazem cocô — o do Bernardim canta e morre... (BG 2: 268)

O autor de *Urupês* arregaçou as mangas e pôs em ação seu plano de reescrever a obra do poeta quinhentista português Bernardim Ribeiro, acreditando haver com isso revitalizado um autor há muito esquecido nas prateleiras:

Já concluí a semi-desarcação do Bernardim Ribeiro, mas coisa tão leve que o leitor nem sente. Nada se perdeu da ingenuidade daquele homem. De ilegível que era, ficou delicioso de ler-se. Fiz a experiência ontem em casa, com as provas. Purezinha, sempre tão exigente, leu-o e com encanto. Só agora, Rangel, vai o Bernardim popularizar-se no Brasil. Antes apenas lhe citavam o “Menina e Moça”, e os “imortais” recorriam ao seu rouxinol sempre que precisavam dum passarinho que não fosse virabosta. Eu tinha-o na estante e jamais o li. Pagava e largava. E como eu, todo mundo. Logo que saia te-lo-ás aí. Vamos fazer uma linda edição. Aquele rouxinolzinho merece gaiola dourada. (BG 2: 268)

O ano de 1934 foi de intensa atividade para o tradutor Lobato. Segundo escreve em sua carta de junho daquele ano, desde janeiro já havia traduzido Grimm, Andersen, Perrault, *Contos* de Conan Doyle, *O homem invisível*, de Wells, *Pollyana Moça* e *O livro da jungle*:

Gosto imenso de traduzir certos autores. É uma viagem por um estilo. E traduzir Kipling, então? Que esporte! Que alpinismo! Que delícia remodelar uma obra d’arte noutra língua! Estou agora a concluir um Jack Lodon, que alguém daqui traduziu massacradamente.

Adoro London com suas neves do Alaska, com o seu Klondike, com os seus maravilhosos cães de trenó. (BG 2: 327)

Na mesma carta, relata sua experiência como parecerista e revisor de traduções para a editora do ex-sócio Otales Marcondes:

Ando a fiscalizar as traduções para o Otales, e bom dinheiro perde ele com essa fiscalização! Mas, faça-se-lhe justiça: perde-o com prazer. Prefere perder dinheiro a enfiar no público uma tradução que eu condene. Que outro editor faz isto? Já perdeu assim mais de vinte contos este ano. E o público enguliria do mesmo modo todas as infâmias condenadas, porque o público é o maior boeiro do mundo. Eu às vezes até me revoltado de dar à bola em certos trechos de difícil tradução, ao lembrar-me do que é a média do público. Mas sou visceralmente honesto na minha literatura. Duvide quem quiser dessa honestidade. Eu não duvido. Nem você. (BG 2: 327)

E também revisa e reedita traduções suas, procurando sempre aprimorar seu trabalho:

[...] leia a Filosofia da vida, do Will Durant, a maravilha das maravilhas. Mas leia a 2ª edição, ainda no prelo. As segundas edições de coisas minhas são sempre melhores que as primeiras. Revi ontem as últimas provas. (BG 2: 331)

As incongruências e inconsistências tradutórias, que denomina de “pérolas”, são o alvo de suas incursões pela atividade de revisão, seja de traduções alheias, como em:

[...] ontem acabei a revisão do meu *Kim*. Leia-o, Rangel. Depois do *Livro da Jangal*, é a melhor coisa de Kipling. A primeira tradução do Kim lançada pela Editora era uma neblina. A gente lia e entendia vagamente. Otales encomendou-me outra. E meu último trabalho — ou “trabalheira” — foi retraduzir uma tradução do tremendo *For whom the bell tolls*, do Hemingway. Encontrei “pérolas do Agripino” nessa tradução, e das mais preciosas. Esta, por exemplo: “What is this?” pergunta lá um cabra quando Jordan tira do bolso a frasqueira de absinto. E Jordan responde: “That is the real absinthe. That is wormwood.” Wormwood é o nome em inglês da nossa velha losna, o ingrediente do absinto; mas como se trata de duma palavra composta — *worm*, verme; e *wood*, pau, madeira — lá o tradutor tomou a pobre losna como “bicho de pau podre”. E acrescentou: “No verdadeiro absinto, há verme de pau, cupim...”

Na primeira tradução de Kim encontrei uma boa pérola agripinesca. No original está: “We who go down to the *burning-gaths* cluch at the hands of those coming up from the River of Life, etc.” E na tradução vem: “Nós que vamos descendo para o campo do carnicheiro, etc”. Essa tradução de *burning-gaths*, ou fogueiras onde na Índia queimam os mortos, por “campo do carnicheiro”, deixou-me profundamente intrigado. Eu estava na prisão, cumprindo sentença, e matava o tempo com a nova tradução do *Kim*. Pus os olhos nas grades e fiquei a matutar naquele quebra-cabeças. De que modo fogueira de cremar defunto pôde virar “campo do carnicheiro”? Por fim descobri. Na tradução francesa do Kim deve estar *bucher*, fogueira, palavra que muito se aproxima de *boucher*, carneiro. O tradutor, que evidentemente traduzia do francês e não do inglês, confundiu as duas palavras e pôs “carniceiro” em vez de “fogueira”. Mas achando esquisita aquela

“procissão rumo ao carnicheiro”, inventou o “campo” e botou “campo do carnicheiro...” O Agripino coleciona destas “pérolas”, e se recorresse a mim eu lhe forneceria colares maravilhosos. Tenho uma coleção que vale ouro. (BG 2: 334)

Ou de pérolas próprias:

E eu também solto de vez em quando a minha perolazinha. Na *História da Literatura* traduzi *The Village Blacksmith*, O Ferreiro da Aldeia, por *A Aldeia de Blacksmith* — e mais que depressa o Agripino, com aquele seu bico de ave, *nhoc!* Fiscou-me a pérola e lá a pôs em sua coleção. (BG 2: 335)

Também na atividade de revisão de literatura própria traduzida, Lobato se mostra partidário da simplificação da linguagem, dizendo que, de tanto escrever para crianças, acabou “simplificando-se”. Reconhece o significativo trabalho que a revisão de textos traduzidos dá ao revisor, ainda quando se trata de revisão de textos próprios:

Na revisão dos meus livros a saírem na Argentina estou operando curioso trabalho de raspagem — estou tirando tudo quanto é empaste. (BG 2: 339)

Ando parado de traduções. Meu tempo se escoia na revisão e alguma adaptação dos livros a saírem em espanhol na Argentina. Imagine a Emília a dizer “Caramba!”, “Qué va!, Caracoles!”... (BG 2: 343)

Se a publicação da obra de Lobato para o inglês não deu muito certo, sua incursão em língua espanhola lhe foi mais grata. Em 1943, fazia dela um balanço bem positivo:

Vim do Otales. Nunciou-me que com as tiragens deste ano passo o milhão só de livros infantis. Esse número demonstra que meu caminho é esse — e é o caminho da salvação. Estou condenado a ser o Andersen desta terra — talvez da América Latina, pois contratei 26 livros infantis com um editor de Buenos Aires. E isso não deixa de me assustar, porque tenho bem viva a recordação das minhas primeiras leituras. Não me lembro do que li ontem, mas tenho bem vivo o *Robinson* inteirinho — o meu *Robinson* dos onze anos. (BG 2: 345)

Ainda corroborando a recomendação de simplificação, o Lobato editor, no tocante a algumas obras que considerava muito longas, sugeria cortes, tudo em nome da viabilização editorial, como é o caso da tradução da obra *La femme*, do filósofo francês Jules Michelet, que encomendou a Rangel:

Não tenhas pressa com o Michelet. Faze-o sossegado. Acho ótimo esse livro, apesar de meio grande. Podemos reduzi-lo com o corte da introdução. E se puseres pedra-hume na tinta, ainda poderás na tradução encurtar umas cinquenta páginas. (BG 2: 270).

Não há dúvidas que para Monteiro Lobato traduzir é reescrever e isso se prova na forma como traduz, na sua longa prática de adaptações e nas suas próprias criações literárias impregnadas das vozes dos autores a quem leu e traduziu, sendo Kipling uma das mais significativas e audíveis vozes em Lobato.

Se há ainda quem veja débito na influência de um autor sobre outro, torna-se difícil dizer quem deve mais a quem, se Kipling a Lobato por torná-lo parte do cânone para o público leitor brasileiro, com suas feras e sua selva, ou Lobato a Kipling, pela impregnação criadora que muito repercutiu na própria criação literária deste brasileiro, bem como em seu projeto de criação de um público leitor de massa, que consome livros e boas traduções.

A riqueza da obra de Monteiro Lobato e a inquietação de sua pena foram o resultado de seu amor à pátria e de sua imensa vontade de ver desabrochar, no Brasil, uma literatura de qualidade. Era um visionário, daí voltar-se para a literatura infantil. Nas crianças encontrou o acolhimento que não encontrou nos adultos. Via nelas o futuro, um futuro no qual valia a pena investir e a tradução de fábulas e contos infantis representou uma forma de suprir esse público tão especial de obras que nossa literatura carecia.

As cartas contidas na *Barca* permitem-nos traçar um longo percurso de leituras em língua inglesa e de aprendizagem dessa mesma língua, seja por instrução formal ou por experiências de viagem. Monteiro Lobato foi um tradutor consciente da importância de se transitar com tranquilidade entre duas culturas, não somente entre duas línguas, o que o fez buscar penetrar um domínio mais amplo, "de pensamento inglês, de política inglesa..." (BG 1: 226). Sabia que ao tradutor cabe desvelar os nós do texto que transcendem a língua pura e simplesmente e que habitam os domínios da cultura, ainda em uma época em que não se falava na importância dos estudos culturais para os estudos de tradução. A prova da qualidade e da permanência de sua obra traduzida está nos inúmeros títulos ainda em circulação no mercado editorial da atualidade, mesmo depois de decorrido um período de mais de sessenta anos. Sob o selo do Grupo IBEP - Companhia Editora Nacional e dirigidos ao público infanto-juvenil, temos: *A filha da neve*, *Caninos brancos*, *O grito da selva* e *O lobo do mar*, de Jack London, *Alice no país das maravilhas* e *Alice no país do espelho*, de Lewis Carroll; *As aventuras de Huckleberry Finn*, de Mark Twain; *As aventuras de Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe; *Contos de fadas*, de Charles Perrault; *Contos de Grimm*, de Jacob & Wilhelm Grimm; *Diamante negro: história de um cavalo*, de Anna Sewell; *Kim* e *Mowgli, o menino-lobo*, de Rudyard Kipling; *Moby Dick*, de Herman Melville; *Pinóquio*, de Carlo Collodi;

Pollyanna e *Pollyanna moça*, de Eleanor H. Porter. As adaptações ou releituras de clássicos universais estão sob o selo da Globo, a saber: *As aventuras de Hans Staden*, *Dom Quixote para crianças* e *Peter Pan*.

À luz de todas as mudanças que as teorias de tradução sofreram nas últimas décadas, assumindo que a tradução é uma ponte necessária entre as diferentes culturas, minimizadora das distâncias geográfico-culturais e fomentadora da inclusão sócio-cultural daqueles menos favorecidos, que não dominam o idioma estrangeiro por fatores que lhe são alheios à vontade, são-nos mais compreensíveis tradutores como Monteiro Lobato, que desafiaram o tempo em que viveram, as tradições literárias que tentaram aproximar e as próprias características das línguas com as quais trabalharam em prol da criação de uma literatura nacional e de um público leitor para a mesma. A história da tradução no Brasil não seria a mesma sem o empreendedor Monteiro Lobato. Para quem difundiu literaturas de língua inglesa tão amplamente no país, faltou ver seus próprios livros publicados em língua inglesa. Conhece-se, por meio de seu acervo, depositado no Cedae/Iel/Unicamp pela família do escritor em 2001, atualmente aos cuidados do grupo de pesquisa coordenado pela Professora Marisa Lajolo, que Lobato deixou inúmeros copióes de conjuntos de seus contos traduzidos para o inglês, um deles intitulado “Brazilian native sketches”, em duas diferentes versões, reunindo dezoito contos e contando com tradução de William Goldsmith e Orlando Rocha. Há também, na caixa de arquivo M. L. 4, uma tradução para o inglês do *Sítio do Pica-pau amarelo*, de 58 páginas, com correções, que não indica o tradutor. O único texto de autoria de Monteiro Lobato, em língua inglesa, atualmente em circulação no mercado editorial é um conto intitulado “The funny man who repented”, traduzido por Harry Kurz (1947), e que integra as coletâneas *A world of great stories*, da Random House, e *Oxford anthology of the Brazilian short story*, da Oxford University Press. Numa década em que novas coletâneas de contos e poemas brasileiros surgem no mercado estadunidense³, vemos que Monteiro Lobato não foi ainda devidamente reconhecido no exterior como o grande brasileiro de letras que de fato soube ser.

³ A antologia *Brazil: a Traveler's Literary Companion*, editada por Alexis Levitin pela Editora Whereabouts Press (Traveler's Literary Companions), 256 p., 2009, e a antologia *Oxford Anthology of the Brazilian Short Story*, editada por K. David Jackson pela Oxford University Press, 542 p., 2006, são apenas alguns dos inúmeros exemplos de coletâneas de literatura brasileira que atualmente circulam no mercado editorial global.

Referências bibliográficas

- BECKER, Elizamari Rodrigues. **Forças motrizes de uma contística pré-modernista**: o papel da tradução na obra ficcional de Monteiro Lobato. Porto Alegre: UFRGS, 2006. (Tese de Doutorado).
- CASSAL, Sueli Tomazini Barros. **Amigos escritos**: quarenta e cinco anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado (Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes), 2002.
- CAVALHEIRO, Edgard. Estas memórias... In: LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. Tomo 1, 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense Ltda., 1951.
- DEBUS, Eliane. **Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido**. Itajaí; Florianópolis: UNIVALI Ed.; Ed. UFSC, 2004.
- LEFEVERE, André. **Translating literature**: practice and theory in a comparative literature context. New York: The Modern Language Association of America, 1992.
- LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. Tomo 1, 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense Ltda., 1951. (**Obras completas**, v. 11).
- LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. Tomo 2, 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense Ltda., 1951. (**Obras completas**, v. 12).
- LOBATO, Monteiro. **Brazilian short stories**. Girard, Kansas: Haldeman-Julius Company, 1924. v. 733. Little Blue Book Series.
- LOBATO, Monteiro. **Mundo da lua e miscelânea**. 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense Ltda., 1951. v. 10.
- REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel. Literatura confessional: espaço autobiográfico. In: REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel (Org.) **Literatura confessional**: autobiografia e ficcionalidade. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997. p. 7-15.